

O TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA DO CRACK

Diretriz brasileira segue recomendações internacionais

AS ETAPAS

- 1 IDENTIFICAÇÃO**
Avaliação de riscos (suicídio, overdose), clínica, motivacional (paciente deseja parar?) e neuropsicológica
- 2 DESINTOXICAÇÃO**
Pode ser em ambulatório ou hospital. Envolve uso de remédios para conter a abstinência e doenças associadas
- 3 TESTES DE MONITORAMENTO**
Testes de drogas (urina e cabelo) são usados para avaliar a boa evolução do tratamento
- 4 INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS**
Ocorre com treinamento de habilidades sociais, prevenção da recaída e abordagens com a família
- 5 MANUTENÇÃO**
Adoção de diversas estratégias voltadas para a pessoa não retornar ao vício. É para toda a vida



Tratamento contra vício de crack ainda desafia a medicina

Resultados positivos entre dependentes da droga são verificados, em média, em só um terço dos pacientes

Usuário de crack em Ribeirão Preto

Profissionais de saúde questionam o que pode ser considerado eficaz quando o assunto é a recuperação do usuário

CLÁUDIA COLLUCCI
DE SÃO PAULO

Não existe um tratamento único e ideal para o crack. Medicamentos e terapias carecem de mais evidências científicas, e o resultado final é pouco animador: só um terço dos doentes "se cura".

O vácuo terapêutico é apenas mais um ponto nebuloso quando se fala da dependência química. O próprio conceito de um tratamento eficaz ainda é motivo de debates.

"O que é eficácia? Tenho dependente que já passou por tratamento e que continua usando drogas eventualmente. Mas tem vida familiar, profissional, social. Um outro alcançou a abstinência, mas não trabalha, não sai de casa. Qual teve mais sucesso?", questiona André Malbergier, psiquiatra do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Desde 3 de janeiro, quando começou a mais recente operação policial na região conhecida como cracolândia, no centro paulistano, 80 dependentes foram internados.

Segundo a prefeitura, de julho de 2009, quando, conjuntamente a outra operação da PM, agentes de saúde passaram a atuar na área, até o início da atual operação foram quase 3.000 internações.

Os resultados em São Paulo se assemelham aos registrados em outros locais do mundo: a porcentagem de viciados que conclui o tratamento não chega a 35%.

RECAÍDAS

Há consenso de que recaídas integram o processo. Após um ano de tratamento, 60% dos pacientes têm recaída.

"A meta é abstinência, mas recaídas não significam voltar tudo para trás. É como tratar diabético ou hipertenso", diz a psiquiatra Ana Cecilia Roselli Marques, da Abeam (Associação Brasileira de Estudos de Alcool e Drogas).

É o que também pensa o professor Richard Mattick, referência mundial em estudos

de álcool e drogas. "As pessoas querem uma cura, mas nós não vamos conseguir isso para a grande maioria. Temos métodos para manejá-la, como outras doenças crônicas."

Cura, aliás, é palavra em desuso entre especialistas. "Preferimos falar em abstinência estável", diz o psiquiatra Marcelo Ribeiro, professor na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e um dos organizadores do livro "O tratamento do usuário do crack".

Segundo ele, o processo de desintoxicação é só o começo de um tratamento longo que estará fadado ao fracasso se não houver suporte psicossocial associado. "E estamos falando de pessoas que, em geral, já romperam todos os laços sociais", afirma.

DIRETRIZ

No ano passado, a Sociedade Brasileira de Psiquiatria lançou uma diretriz que define como os médicos devem tratar os usuários de crack.

Entre as orientações, há a indicação de tratamento de desintoxicação imediato e de múltiplas ações terapêuticas.

As recomendações gerais são baseadas em experiências nacionais e internacionais, mas poucos serviços públicos de saúde as aplicam. São Paulo chegou a adotar as diretrizes em um projeto-piloto desenvolvido na cracolândia, mas depois recuou.

Ana Cecilia Marques, que fez parte do projeto, lamenta. "Tínhamos dobrado a taxa de adesão ao tratamento. Tudo voltou à estaca zero. Os tratamentos atuais não seguem as boas práticas."

Rosângela Elias, coordenadora de saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde, nega que tenha havido prejuízo. "Há várias metodologias. Não há certo ou errado. Temos equipes qualificadas."

Outro ponto de divergência é sobre as internações involuntárias (sem o consentimento do paciente). Há grupos contrários à iniciativa, mas os que defendem esse recurso encontram respaldo.

A OMS (Organização Mundial de Saúde) considera a opção em casos de risco à vida do dependente químico. O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, também já se posicionou favorável à medida.

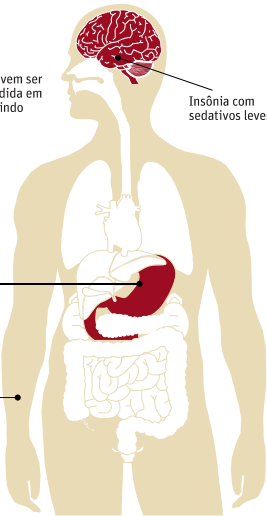
ASPECTOS DA DESINTOXICAÇÃO

Síndrome de abstinência
Os sintomas devem ser tratados na medida em que forem surgindo

Insônia com sedativos leves

Náuseas com antieméticos

Dores com analgésicos comuns



MEDICAÇÃO

Não há medicamentos aprovados para tratamento específico da dependência de cocaína/crack, mas várias drogas são usadas para aprimorar o funcionamento cognitivo e emocional do paciente e evitar recaídas

- > anticonvulsivantes
- > topiramato (age na modulação do sistema de recompensa cerebral)
- > dissulfiram (bloqueio da enzima da degradação da cocaína e do crack, por meio de um mecanismo de aversão à droga)
- > antidepressivos
- > estabilizadores de humor
- > antipsicóticos

REGRAS BÁSICAS

- Nenhum tratamento é efetivo para todos
- A desintoxicação é só o começo do tratamento, que não precisa ser voluntário para funcionar
- O tratamento deve estar disponível por um período adequado e precisa ser constantemente reavaliado
- Medicamentos, aconselhamento e outras técnicas comportamentais são fundamentais
- As doenças associadas devem ser tratadas de forma integrada
- Testes antidrogas devem ser feitos; a recuperação é um processo longo e envolve recaídas

ONDE PROCURAR AJUDA

No site www.enfrenteocrack.org.br, há uma lista de locais para atendimento em todo o país

Fontes: Marcelo Ribeiro, Ana Cecília Marques, psiquiatras

Vacina de cocaína é testada contra dependência da droga

DE SÃO PAULO

Uma vacina de cocaína é a mais recente aposta para o tratamento da dependência do crack e vem sendo testada por vários grupos, entre eles o de Baylor College of Medicine, de Houston, nos EUA. Ela impede que a droga penetre no cérebro e reduz seus efeitos prazerosos.

O remédio combina pedaços de vírus e partículas de cocaína (ou de substâncias que a imitam). Esse composto levaria o organismo a produzir anticorpos, que combatem a droga antes que ela che-

gue ao cérebro.

O sistema imunológico não consegue reconhecer as moléculas de cocaína e de outras drogas porque elas são muito pequenas. Por isso, não fabrica anticorpos para atacar essas moléculas. Para reverter isso, a vacina tem partículas de cocaína inativa ao redor de proteínas inativas de vírus ou bactérias.

Quando a vacina é aplicada, o corpo produz não só anticorpos contra esse composto (que é inofensivo), mas também adquire a capacidade de reconhecer a droga quando ela é inalada.

INFORME PUBLICITÁRIO

SEB

SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO
PARA QUEM ACREDITA EM EDUCAÇÃO
WWW.SEBEX.COM.BR

COMUNICADO AO MERCADO

O **SEB - Sistema Educacional Brasileiro** - é hoje uma das mais sólidas e respeitadas instituições de ensino do Brasil e atua há 48 anos no segmento educacional da educação básica ao ensino superior, oferecendo padrão de excelência, tecnologia de ponta e resultados comprovados.

Esclarecimento

O grupo **SEB** esclarece que sua empresa não foi vendida ao grupo Pearson do Brasil ou do exterior, conforme matéria veiculada no jornal Folha de S.Paulo de 4 de janeiro de 2012 (mercado, B3). O **SEB** não tem qualquer vinculação societária ou de controle com as atividades do grupo Pearson.

Em setembro de 2010, o grupo **SEB**, que tinha em seu controle os sistemas de ensino **COC**, **Pueri Domus** e **Dom Bosco**, bem como um parque gráfico para impressão de material didático, vendeu estes sistemas ao grupo Pearson, sendo quaisquer operações de total responsabilidade da marca inglesa, excluindo o grupo **SEB**. A partir de então, o **SEB** passou a ter o controle de diversas escolas próprias, como **SEB Centro Universitário UnISEB**, **UnISEB Interativo**, **Unyca** e **BRE Brasil Educacional**, com um total de 75 mil alunos, entre educação básica, graduação presencial e a distância, pós-graduação presencial e a distância e MBA. Portanto, o Pearson tem o controle no Brasil somente sobre os sistemas de ensino, e o grupo **SEB** é parceiro em metodologia e aquisição de material didático dos sistemas **COC**, **Pueri Domus** e **Dom Bosco**.